

## O PERCURSO ESPACIAL EM *UM HOMEM E SUA FAMÍLIA*

Erlane Gonçalves da SILVA  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Email: goncalveslane@yahoo.com.br

**Resumo:** Neste trabalho, analisaremos a espacialidade da casa e do quintal e também o centro da cidade de Catalão no Estado de Goiás, no romance de Braz José Coelho (1997), *Um homem e sua família*. O escopo deste trabalho é estudar as relações que existem entre a família e os espaços citados. Entre os autores que subsidiarão a pesquisa encontram-se: Bachelard (1989), Iuri Lotman (1978), Osman Lins (1976), De Paula (2004) e Borges Filho (2007). Esses autores contribuem para a análise dos efeitos de sentido que surgirão a partir dessa espacialidade. Para este trabalho recorreremos à metodologia da Topoanálise, sendo que esta consiste em verificar os espaços presentes na obra literária e sua relação com outras categorias narrativas e os efeitos de sentido produzidos. Para Bachelard (1989), a casa é a base do ser humano, ela representa o seu centro. No romance em foco, as personagens se deslocam do norte de Goiás para São Paulo, à procura de conforto e segurança. A viagem chega ao fim na estação ferroviária da cidade de Catalão, estado de Goiás. A família não tem como prosseguir para a cidade de São Paulo, pois o dinheiro acabou e a criança mais nova está doente. Então, o homem sai à procura de um espaço estabilizador onde possa dar segurança a sua família. De início, alojam-se debaixo de uma cagaiteira na beira da estrada, saída para a cidade de Goiandira. No mesmo dia, o marido constrói uma cabana improvisada e será neste abrigo que passarão dias e noites à espera da construção da casa. Por muito tempo, o marido trabalhou na construção do casebre. Construíram dois cômodos, um servia de sala e cozinha e o outro de quarto. A partir do processo de edificação é que se constituem as vivências e as experiências das personagens em *Um homem e sua família*.

### 1. Interagindo com o espaço

*Um homem e sua família*, romance de Braz José Coelho, publicado em 1997, narra a vida do homem e seus esforços desesperados para conseguir um emprego e também o problema da ambientação em um mundo que lhes é estranho e adverso e, são esses elementos que constituem a trama da narrativa. Neste texto, analisaremos o percurso espacial e as experiências das personagens bem como o trajeto da viagem entre sua terra natal e a cidade de Catalão, no estado de Goiás. O foco será o de relacionar os espaços percorridos e as influências sofridas pela família ao estabelecer residência nessa cidade.

O cenário apresentado pelo narrador nos dá a possibilidade de fazermos uma análise crítico - social dos espaços desse lugar, principalmente em relação ao contraste da maneira de viver das personagens moradores da periferia, com as do centro da cidade. Diante da precariedade do bairro é preciso que essa família se adapte àquele espaço sem conforto e que

não oferece nada, apenas um canto onde poderiam fixar residência. Embora, tenham mudado para melhorar as condições financeiras, se veem diante de um lugar desconhecido e é necessário defrontar-se com as experiências negativas e opressoras que já os perseguem desde os tempos em que moravam no Norte de Goiás. De Paula (2004), define da seguinte maneira essa espacialização que nos é apresentada nesse cenário em que as personagens estão agora inseridas:

A representação espacial presente na obra é a metáfora da vida daquela família que sentia as dificuldades e as contradições sociais através do calçamento das ruas, nos trabalhadores e no lugar que lhes restou para fixarem moradia. Neste aspecto, a cidade enquanto produção espacial é a expressão das contradições da sociedade. (DE PAULA, 2004, p. 119).

O contraste social é destacado pela arquitetura do centro, considerado o espaço da elite, e a periferia, considerado o lugar marginalizado onde vivem as pessoas menos abastadas daquele lugar. Tais espaços serão comparados pela arquitetura e pelos ornamentos do centro da cidade e o contraste que aparecem diante da paisagem do casebre na periferia.

Para a realização dessa análise, utilizaremos a perspectiva da Topoanálise que foi desenvolvida a partir das ideias de Bachelard (1989), Iuri Lotman (1978), Osman Lins (1976) e Borges Filho (2007). Intencionamos, através dos embasamentos teóricos destes autores, demonstrar as estratégias utilizadas pelo narrador na representação do espaço e no enredo, bem como verificar os diversos efeitos de sentidos produzidos em relação aos sentimentos das personagens e os lugares por eles vividos.

## 2. Percurso espacial

Para a Topoanálise, de Borges Filho (2007), o percurso espacial é formado pelo encadeamento dos espaços presentes na obra. Desse ponto de vista, o enredo pode ser classificado em monotópico, se passam apenas um espaço, ou politópico, se ocorre em mais de um.

Em nosso *corpus*, o espaço é considerado politópico, tendo em vista que as personagens vivem e percorrem várias localidades. Para tanto, é interessante ressaltar que os lugares da narrativa são fundamentais na caracterização das personagens, pois, será através de sua retratação que o narrador desencadeará a trama que envolve a vida da família.

Serão as inferências sociais, as filosóficas, psicológicas e estruturais, que irão compor o desencadeamento das expectativas de melhoria de vida das personagens, seja no âmbito cultural ou natural da trama na narrativa.

O casebre, o quintal e o centro da cidade de Catalão, estado de Goiás. Serão nesses espaços que a família iniciará a busca de seus ideais e é nela também que as personagens viverão seus conflitos diários e suas frustrações em relação à busca do emprego e da escola para as crianças. Durante o enredo é importante ressaltar que o deslocamento da família para outra região não estabelece mudança positiva em relação à expectativa de melhorar de vida, o fator principal desse desconforto é a falta de instabilidade financeira, a viagem não é

planejada. De acordo com Paula (2004):

Aquela família de migrantes que saiu de Porto Nacional movida pelas histórias de riquezas do Sul e que acabaram por ficar em Catalão, rapidamente conheceria os problemas *daquele* que outros pintaram como paraíso. Saberá logo como se desmancha feito pó ao vento os sonhos de uma vida inteira. Ali, na procura por algo que haveria de ser abundante – o emprego. (PAULA, 2004, p.117).

Nota-se também que, entre os dois únicos tipos de espaço que podem existir, a saber, cenário e natureza, além do cenário da arquitetura do centro da cidade, a casa e o quintal do homem e a família, a narrativa apresenta vários aspectos da natureza, como o cerrado goiano, a região Norte e Sul de Goiás. Essas paisagens são percebidas assim que o narrador apresenta as personagens e sua localização. Elas residem numa região em situação agravante devido às intempéries da natureza, onde a seca e as chuvas destemperadas empobrecem a terra do norte, tornando-a infértil. O sentimento de desprezo permanece na alma do homem. Nas terras do Sul a personagem sente a exaustão e a preocupação em não alcançar o tão sonhado emprego, que pode ser percebido no trecho que se segue:

Dali a caminhar as mesmas ruas, bater as mesmas portas mendigando, sentia não estar longe – e temia o momento em que o resto de vergonha que lhe mantinha a dignidade de homem desaparecesse por completo, fazendo dele um mendigo, um destruído. Ainda não mendigava, pedia pelo trabalho honesto que qualquer pessoa possa fazer. (COELHO 1997, p. 12-13).

A personagem [o homem], não acredita mais que há *naquela* cidade o tão sonhado emprego fixo. Para que possamos ter maior clareza da relação entre o espaço e a obra de ficção, como já fora citado, utilizamos o conceito da Topoanálise no qual designa que há basicamente três maneiras de representação do espaço na obra literária: a realista, a imaginosa e a fantasiosa. Uma vez que o nosso *corpus* de análise é um romance regionalista, é natural que se apresente em sua narrativa lugares que estão inseridos no mundo real, ou seja, existem geograficamente no estado de Goiás, porque a trama acontece nessa mesma região, o que provoca um forte efeito de realidade, principalmente no que tange a questão das ruas da cidade de Catalão, “À noite – sabia-se muito bem, tantas vezes a mesma coisa repetida –, voltaria ao casebre, cansado e aturdido, ponta de rua, saída da cidade, princípio da estrada rumo a Goiandira”. (COELHO, 1997, p. 13).

### 3. As funções do espaço da narração

É importante salientarmos a diferença que a Topoanálise apresenta entre o espaço da

narrativa e o espaço da narração entre outras funções. Narrativa e narração são palavras polissêmicas. Dessa maneira, há uma questão bastante interessante que é posta pela Topoanálise que reside no fato de que o espaço da narração nem sempre coincide com o espaço da narrativa. Assim, no romance *Um homem e sua família*, nem toda narrativa coincide com o espaço narrado. Podemos observar que a narrativa inicial acontece já na cidade de Catalão - GO. O narrador que se apresenta nesse momento está em terceira pessoa ele não participa da narrativa, mas relata os fatos como se conhecesse o íntimo das personagens, ele apenas relata os fatos ao leitor, mas não participa da narração como personagem:

A cidade era velha. Diziam que para o ano completaria cem anos. O povo comentava que já se preparava uma festa de centenário tão grande que atravessaria semanas. Oche! – que cem anos é coisa muito. Porto Nacional, de onde viera, também era uma cidade velha, mas não lembrava de que tivesse completado cem anos. Gente não atura tanto assim. (COELHO, 1997, p. 55)

No texto citado, a narrativa acontece no mesmo espaço da narração, nesse momento a mulher se encontra nas ruas da cidade de Catalão. “Pensamento solto, pés ligeiros, lá alcançava a terceira grota”. (COELHO, 1997, p. 54). Assim, podemos afirmar que a narração acontece no espaço da narrativa, nas ruas da cidade, onde a mulher está sempre em busca das trouxas de roupas para lavar.

É relevante também para essa análise fazermos uma abordagem em relação às funções do espaço que, segundo Borges Filho (2007, p. 35), “A criação do espaço dentro do texto literário serve a variados propósitos e seria tarefa ingrata e fracassada separar e classificar todos eles.” Uma das principais funções do espaço é caracterizar as personagens, situando-as no contexto sócio-econômico e psicológico em que vivem. Temos a colaboração de vários teóricos em relação a esse conceito, como Osman Lins (1976, p. 98) que faz a seguinte definição: “O espaço caracterizador é em geral restrito – um quarto, uma casa – refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem”. Nesse sentido a descrição do espaço reforça a verdadeira pobreza das personagens:

Aos poucos, o marido fora colocando a moradia como desejava, aumentando o conforto da família. Como não possuíam nem camas nem colchões, dormiam no chão duro, por sobre ramos, palhas, capim e a parca roupa de cama. Num domingo, aproveitando estar o comércio fechado e sabendo que nada encontraria para fazer na cidade, ele construiu os três jiraus. Dois maiores e um menor. O primeiro era do casal, os outros para os dois filhos mais novos e o terceiro – o menor – para o mais velho. Era uma melhoria. A família punha pé firme na nova terra, já tinham um lugar de referência. (COELHO, 1997, p. 84)

A caracterização desse espaço mostra claramente as condições sociais das personagens, a simplicidade e a falta de conforto em que elas se encontram, reforçando o

verdadeiro estado de pobreza. Vale lembrar que, dentre as funções do espaço, o narrador faz com que percebamos determinadas situações em que há uma projeção do estado emocional das personagens, pois, de acordo com Borges Filho (2007, p. 36), em muitas das vezes, “o espaço é a projeção psicológica da personagem. E essa projeção pode ser de uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo.” Há um desequilíbrio emocional envolvendo toda família e essa é uma característica marcante nas personagens, pois estão sempre diante de situações que causam expectativas, praticamente negativas. E, dessa maneira, o medo do fracasso são os pensamentos que mais os perseguem.

Ainda não mendigava, pedia trabalho honesto que qualquer pessoa possa fazer. Mas a certeza de uma luta vencida percorrendo nas voltas e ranhuras de seu cérebro: primeiro pede-se emprego, depois trabalho, serviço, qualquer ocupação, mesmo que por um dia apenas ou poucas horas – por último apenas restaria a ele o recurso da esmola, viver de caridade alheia, das sobras dos outros. Tremia entre desanimado e aflito. (COELHO, 1997, p. 13).

Não conseguir o emprego, eis o pensamento que persegue o homem, tornando-se uma tortura sem fim. “Já sentia o desânimo pegando-o pelo braço e conduzindo-o como a um cego. Aos tropeços, pés errados no chão. Muitos dias assim”. (COELHO, 1997, p. 1). Um ser desequilibrado, com as emoções a flor da pele, que caminha sem destino, vagueando a esmo os dias para a família não se diferem são todos iguais, nada de novo, e o destino segue o caminho do fracasso.

Outro aspecto relevante refere-se à forma como a personagem pode ser retratada no romance de ficção, em relação a seu comportamento, pois cada qual se difere, dependendo da situação ou até mesmo dos lugares ou situação na qual se encontram. Em conformidade com os dizeres de Lotman (1978, p. 447), “não é apenas indo de uma personagem para outra que deparamos com diversas normas e conduta – a espaços determinados são próprias regras e normas particulares de conduta – [...]” É nesse espaço que o homem forte e determinado, sente o desânimo tomar conta de sua vida.

Mas se um homem pode ser destruído, o processo de sua destruição não é coisa que venha sopesada assim como soco, segue curso de água calma, lento, longo e lesto minam-se a vontade e as forças aos poucos, estragando resistência e saúde. E enquanto durava o processo de sua destruição ele percorria as ruas tortuosas buscando trabalho, sendo derrotado a cada negativa, mas ainda não destruído – as mãos balançando rente às pernas, pesadas e enormes, como se não fizessem parte do corpo, as mãos que muito fazer sabiam. (COELHO, 1997, p.13).

O peso da caminhada, os sonhos e as esperanças vão ficando para trás, a destruição da personagem [homem] se dá aos poucos em cada tentativa de encontrar o tão sonhado emprego. Tanto sofrimento, todos exaustos, não fora esse o intuito da mudança, nada poderia ser pior de que caminhar para não chegar a lugar algum, sem expectativas, apenas o reforço do sofrimento e da miséria, numa terra desconhecida.

O filho menor estava com desarranjo intestinal. Já não havia mais calças limpas para vestir. Ficava nu, as virilhas, as nádegas e o rego da bunda, tudo assado numa vermelhidão meio amarelada. Os olhos estalados na carinha murcha pareciam assustados, como se apreendessem verdade desconhecida. A fraqueza não permitia nem mais o choro, a todo momento desfalecia. (COELHO, 1997, p. 73).

O narrador faz uso de uma bela metonímia ao comparar a magreza, “os olhos estalados pareciam assustados”, amenizando a verdadeira pobreza e miséria humana. Outro lado interessante em relação a essa passagem do romance é a percepção que dela nos dá a personagem. Quando se fala em percepção no âmbito da Topoanálise, estamos nos referindo aos gradientes sensoriais, isto é, do aparelho perceptor humano: visão, audição, tato olfato e paladar.

A presença dos gradientes sensoriais é evidenciada pelo tato ao afirmar que a pele da criança está assada, O sentido da visão em os “olhos assustados” as cores “vermelha e amarela,” Ao uso dos sentidos Borges Filho (2007, p. 69) conceitua da seguinte forma, “ Por gradientes sensoriais, entendem-se os sentidos humanos: visão, audição, olfato, tato, paladar.” E são esses efeitos de sentido usados pelo narrador para que se possa ter a visão da verdadeira situação física e psicológica em que se encontra a criança, “como se apreendessem verdade desconhecida.” (COELHO, 1997, p. 73). Nesse sentido, os gradientes sensoriais reforçam a ideia da verdadeira degradação da família.

#### **4. Da viagem ao casebre.**

As adversidades permeiam as vivências das personagens, o habitar se dá de forma árdua, desde a partida de sua terra natal, passando pela edificação da humilde casa. Oferecer moradia própria, essa é uma ideia fixa na mente do homem, a busca de obter condições melhores para criar seus filhos acontece de forma complexa: “Toda busca tem seu caminho, e todo caminho leva a uma busca, incerta na maioria das vezes, mas uma busca \_\_ e ele buscava ocupação para suas mãos habituadas a muito fazer.” (COELHO, 1997, p. 13). Não havia emprego em sua terra natal. O homem perdera seu valor, o norte oferecia apenas a miséria. Por muito tempo tentaram permanecer naquele lugar e fizeram isso de todas as maneiras possíveis.

Quatro meses batendo pernas sem encontrar nada em que pudesse trabalhar. Vivendo de favor num rancho de ponta de rua. Viviam atarantados nervosos, as coisas poucas dentro de casa se acabando. Era tentar a sorte em qualquer lugar outra parte. O mundo é grande. E vinham-lhe a mente as falas das pessoas que conheciam Minas, São Paulo lugares diferentes, com muitas oportunidades para quem não tinha medo de serviço. (COELHO, 1997, p. 66)

A partir deste trecho elucidado acima, temos o retrato de um cenário que nos dá a possibilidade de fazermos a relação entre o espaço vivido pelas personagens, todos se encontram emocionalmente perturbados e oprimidos. As expectativas de sobrevivência se esgotam. Notadamente, esse espaço é deprimente e opressor, sendo assim, podemos afirmar que esse espaço é “topofóbico”. Esse vocábulo faz parte de um dos tópicos estudados pela Topoanálise, o da “Topopatia”. Tal termo [Topopatia], se subdivide em topofilia e topofobia. Quando o espaço provoca sentimentos e emoções que podem ser positivos, são denominados de espaços topofílicos e quando são negativos são denominados de espaços topofóbicos. Tomemos como exemplo uma das tantas passagens em que temos a topofobia. Entre uma conversa e outra:

– Eu vi era triste, depois de seca das mais brabas. Lá num lugar chamado Cariri. Famílias inteiras acoradas, homens mulheres, crianças até mesmo de peito. Todos com suas ferramentas. Uma miséria sem nome sem tamanho – e diziam ser feira de trabalhadores, e no passar escolhiam os homens, apartando eles que nem boi pro corte. Iam pras fazendas, nas lavouras. Eu estava à toa, sem serviço, fiquei na praça, queria ver o resto. (COELHO, 1997, p. 66).

Seguindo o percurso espacial dos personagens, podemos apreender as diversas nuances de sentimentos e sensações que os espaços representam. Há, no entanto, uma analogia entre o espaço e o homem. A opressão e a pobreza são características não só das personagens, mas também do espaço em que estão inseridos, por entender que as condições do lugar são fatores que influenciam as personagens homogeneizando-os através do espaço. A animalização do ser humano é explícita nessa passagem do romance. A família resolve partir. Então, pergunta o padrinho: “– Como é vão embora mesmo? Já tão de descida? Afirmativa, a resposta. Argumentos em justificação. – Fazer aqui o que mais, padrinho? (COELHO, 1997, p. 65).

Partiram: “No começo tudo fora novidade, não só para os meninos mas também para eles, adultos. O marido muito esperançoso falava da viagem e das oportunidades que se tem numa cidade grande, não cansando de repisar o mesmo assunto”. (COELHO, 1997, p.74). Esse sentimento de euforia diante das novidades são espaços em que as personagens sentem-se bem, estão felizes. Pelo conceito da Topoanálise temos a topofilia, dessa forma, espaços topofílicos são aqueles que transmitem sentimentos bons, positivos e alegres aos personagens. São os espaços harmoniosos, benéficos e “eufóricos”. No percurso da viagem, identificamos apenas dois espaços no qual a família está feliz. No início da viagem estão todos felizes com tantas novidades, a cidade é grande, Anápolis no estado de Goiás, os ânimos se refazem, enfim, acreditam estar fora do sertão. Nessa passagem, podemos perceber que entre um momento feliz e outro, os espaços percorridos são na maioria tortuosos.

Quando chegaram a Anápolis, ainda restavam alguns trocados. E a novidade de um vagão de terceira classe, a locomotiva soltando seu apito enfumaçado,

reavivou o interesse inicial. O marido, puxando lá do fundo uns restos de entusiasmo, dizendo que havia deixado o sertão, que de agora em diante cada cidade era maior do que a outra, mas não demoraria muito e se assentariam de vez. (COELHO, 1997, p. 75).

À partir da cidade de Anápolis o percurso é penoso, andaram de jardineira, de caminhões junto a sacarias e latões de leite, até em carroças, também caminharam a pé. Conheceram o verdadeiro sofrimento, até fome passaram. Enfim, chegaram à estação ferroviária de Catalão, no estado de Goiás, e conheceriam a realidade de uma cidade que no primeiro momento não pareceu nenhum pouco acolhedora.

A estação era fria e pousaram ali mesmo no cimento da plataforma, embrulhados em panos e cobertores ralos e rotos. Não tinham mais como seguir viagem. A intenção do marido de chegar a São Paulo já não existia. O único desejo era de quietar com aquela peleja, arranjar um canto onde pudessem morar, conseguir trabalho e cuidar da vida. Desceram em busca de melhora e se encontravam na maior das misérias, a cacalharria amontoada na plataforma da estação. Eram a personificação quase doentia do desânimo e da descrença: a mulher com o filho mais novo prostrado em sua pernas, sentada no cimento frio e encostada na parede da estação, olhava como se não visse o marido, em pé, mais adiante, conversando com um homem que pelos modos deveria ser alguma autoridade ali. (COELHO, 1997, p. 73-74).

A retratação da pobreza, a miséria da família é reforçada na citação acima. A família e sua degradação diante das diferenças sociais, o marido e o homem que a julgar pela maneira educada, a personagem [a mulher] julga ser ele uma autoridade. Em se tratando de uma análise focada para analisar o espaço, faz-se necessário que citemos também uma função importante para este trabalho, que diz respeito à antecipação da narrativa, oriundo da Topoanálise, evidenciada na citação a seguir:

O marido buscou leite, pão e um copo de café no barzinho defronte – e com isto esgotara toda a sua economia. Depois percorrera as ruas a procura de um lugar onde pudesse alojar os de sua responsabilidade. Era a primeira vez que percorria aquelas ruas, não sabia que, dia após dia, seus pés gretados pisariam o mesmo chão poeirento, num buscar tristonho tantas vezes frustrado. (COELHO, 1997, p. 75).

Para Borges Filho (2007, p. 41), é “através de índices impregnados no espaço, [que] o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa”. O narrador revela na narrativa as características daquelas ruas e chão tristonhas e frustradas marcam que virão a marcar destino da personagem, na incansável busca do tão sonhado emprego que não se concretiza na



narrativa. “– Mas eu pensei que era pra toda vida, emprego de deveras.” (COELHO, 1997, p. 100).

Assim, iniciam a busca do espaço que pudesse acomodar a família, vejamos: “Saíram, aparentemente, a andar a esmo, mas o marido parecia que já apanhara um princípio de orientação. Pararam no fim da cidade, que mais tarde souberam chamar Rua-da-Grota, começo da estrada de Goiandira”. (COELHO, 1997, p. 75-76).

Por se tratar também de um trabalho em que a abordagem parte para uma análise crítico-social é relevante pensarmos o quanto a palavra “fim”, nesse contexto, é significativa, pois é como se fosse o fim de tudo que haviam planejado. O fim da viagem dos sonhos se torna pesadelo e desesperador, naquelas terras desconhecida, tinham apenas a visão do fim da cidade. O olhar se volta para a periferia. Terminam as expectativas, o que lhes restam é apenas aquele espaço de ninguém. Os sonhos das terras do Sul, abastadas de dinheiro e emprego, terminam no fim da cidade de Catalão - GO, em um abrigo improvisado.

A cabana era tosca – um plano inclinado, do chão a uma vara forte pousada horizontalmente em duas forquilhas. Tudo muito bem amarrado, seguro e as pontas fincadas e socadas no chão. Era tosca, rústica, pior mesmo que as casinhas para se esconder de chuva erguida no centro dos eitos de arroz. Mas servia para abrigá-los por uns alguns dias. (COELHO, 1997, p. 77)

A cabana é improvisada e, é nesse lugar que as personagens se abrigam por algum tempo. Faz-se necessário recorrermos ao que Borges Filho (2007, p. 42-43), conceitua por percurso espacial, assim, ele irá ponderar que “ao encadeamento dos espaços que formam a narrativa, chamamos de percurso espacial”. Ao encadeamento dos espaços presente neste trabalho, inicialmente, focamos na construção da casa das personagens e o quintal. Os espaços no romance, vão surgindo pala visão do narrador em terceira pessoa. A esse tipo de espacialização chamamos de acordo com Borges Filho (2007, p. 62) “espacialização franca”As características da personagem o homem no trecho a seguir mostra um homem simples e trabalhador, o pai preocupado com a segurança da família faz tudo com capricho:

O pai era um homem caprichoso. Fazia tudo mais calmo. Tomando tento, tirando linhada, buscando medida das coisas. tinha hora que franzia a testa, apertava, apertava os olhos, coçava o queixo – isso quando o serviço não estava saindo como havia arrumado em sua cabeça.[...] A cisterna tinha uma proteção de tijolos rebocados, com reboco bem grosso, ao redor da boca, numa altura de quatro palmos bem esticados e quase o mesmo de largura. Tudo muito redondinho e com alicerces de pedra. (COELHO, 1997, p. 39)

Esses espaços vão se encadeando aos poucos na narrativa, e a esse processo de encadeamento, pelo ponto de vista da Topoanálise, é como o enredo pode ser classificado, como vimos anteriormente: o primeiro em monotópico, se se passa em apenas um espaço, ou politópico se ocorre em mais de um. No romance em estudo, temos um enredo politópico já

que a narrativa desta análise se passa desde a construção do casebre e do quintal localizados até a periferia e a arquitetura do centro da cidade. E será a partir da construção da casa e a chegada em catalão que se inicia o processo de edificação que irão constituir as vivências e as experiências das personagens. A realidade das personagens diante das diferenças sociais explicita o que há entre a periferia e o centro da cidade, são espaços caracterizadores, neles podemos perceber a situação financeira e psicológica do homem e sua família:

Não demorou “dois meses” e o casebre já estava pronto para ser utilizado. Rústico, mal acabado, mas representando tudo que possuíam. As paredes eram de adobe e não possuíam ainda qualquer reboco. A cobertura de folhas de palmeiras, buritis e guarirobas, cortadas em grande quantidade dos pastos do frigorífico. (COELHO, 1997, p. 80).

O trecho acima mostra todas as características da casa, da simplicidade e a falta de recursos materiais para construí-la. A casa, um cenário pobre e sem conforto. O casebre não está pronto, estão na cabana improvisada, o tempo muda e a tempestade chega junto ao desespero e o medo das personagens em um ambiente desfavorável e sem nenhuma segurança. Nessa passagem, temos o que chamamos de ambientação: “Para a grande *Enciclopédia Larousse Cultural*, no âmbito da literatura, ambiente significa ‘conjunto das particularidades de um meio social, natural ou histórico em que se situa a ação de uma narrativa (romance, conto, novela).’ Mas dentro da expectativa da Topoanálise, “ambiente é a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico.” (BORGES FILHO, 2007, p. 50). O ambiente e o clima psicológico das personagens é percebido na citação a seguir:

[...] a chuva molhando a todos, os filhos encolhendo num canto, cobertas nas cabeças, a enxurrada fria entrando por debaixo da antiga cabana, estragando os poucos pertences, desmanchando os adobes ainda não cozidos. E nas duas vezes que chovera, a chuva caíra à noite, a escuridão aumentando o medo das crianças, criando grande confusão e estragos. O caçula, que ainda se encontrava sem resistência, pegou um resfriado de peito que não largou mais, arruinando-lhe a saúde. Desde aquelas chuvas que basta o tempo mudar um pouquinho de nada e a bronquite aperta a respiração do menino, o peito estufado chiando cavernoso. (COELHO, 1997, p. 80).

O tempo é marcado pela noite, sendo propício aos acontecimentos tristes, onde as sombras e o desespero diante da força da natureza provocam medo e pavor. Imersos na escuridão da cabana, sem proteção, a tempestade devasta os poucos tijolos artesanais que haviam conseguido fabricar. O ambiente causado pelas forças da natureza deixa suas marcas para sempre na saúde fragilizada das crianças. O medo das crianças, a enxurrada entrando cabana adentro, reforça a situação de penúria da família. Para Borges Filho (2007, p. 50): “De acordo com o imaginário humano esse clima meteorológico está sempre impregnado de negatividade, de augúrios”. Esse espaço abandonado sofre pelo total desprezo, o espaço marginalizado, onde vivem

os oprimidos. No centro da cidade temos uma paisagem totalmente diferente, um lugar lindo, limpo e belo. As pessoas vivem dentro das convenções sociais, as crianças vão para a escola, os homens têm trabalhos fixos. Enquanto que nos arredores da cidade a vida não é fácil e as expectativas de melhoras, à medida que o tempo passa, se tornam cada vez mais distante da realidade das personagens.

Um casarão enorme, sobrado com sacadas nas janelas da frente, um alpendre de fora á fora, em cujas colunas de sustentação subiam enrolando trepadeiras de ramagem verde e florzinhas amarelas. Por dentro, tapetes no chão, piso de taco brilhando feito espelho. A patroa tinha um semblante descansado e sereno, conversava pouco, quase apenas o necessário para alguma coisa de meiguice e ternura constantes. (COELHO, 1997, p. 50).

A vida das personagens que vivem na cidade em nada se compara com a das que vivem na periferia. E pela arquitetura das casas, dos móveis e das plantas ornamentais, o ambiente caracteriza a situação dos que vivem nesse espaço. Já instalados na casa, o homem está pronto para ir à busca do tão sonhado emprego. Inicialmente ele sai entusiasmado, a perspectiva de encontrar o emprego fixo é grande. Porém, com o passar dos dias, ao percorrer as mesmas ruas, bater nas mesmas portas e ouvir sempre as mesmas respostas negativas, não havendo emprego de verdade, o homem começa a “desfiar”.

Também as negativas eram as mesmas, mesmas respostas, mesmas caras preguiçosas e sonolentas como se não entendessem o que ele, de boca fechada, nervosismo travando a fala, pescoço inchando de vergonha sem propósito, ia desfiando. (COELHO, 1997, p.1)

A personagem passa a ter consciência de sua verdadeira situação, o homem que sonhava com o emprego fixo e sai para o desconhecido, sabe apenas que tinha coragem para trabalhar e isso a ele bastava. No entanto, a família se depara com as dificuldades não imaginadas. E era apenas uma questão de boa vontade e teria logo o que fazer. “O mundo é grande. E vinham-lhe a mente as falas das pessoas que conheciam Minas, São Paulo, lugares diferentes, com muitas oportunidades para quem não tinha medo de serviço.” (COELHO, 1997, p. 66). É interessante que nessa passagem do texto temos uma situação de angústia, o lugar prometido à Terra do Sul, nesse momento, se torna um espaço negativo, contrário as expectativas do homem.

A língua da lamparina punha grotescas e espichadas sombras no chão batido, ou, no quebrarem-se ao meio, encompridavam pelas paredes de adobes, como almas penadas, silenciosas e frias, que viessem se intrometer entre os vivos. Sono pesado de muita cansa dormiria, o filho a ringir os dentes curtos na aflição de um sono cheio de lombrigas. (COELHO, 1997, p. 13)

Sem o mínimo de conforto, eles se veem mergulhados na pobreza. O narrador estabelece a analogia entre as características do espaço com as personagens, à medida que ele nos apresenta as condições deploráveis da casa, percebemos que essas também fazem parte da caracterização do homem e de sua família. A falta de luz e as sombras se comparam ao estado de espírito das personagens, elas estão vivendo também feito almas penadas, silenciosas e frias. Semelhante à falta de expectativa que vem chegando aos poucos sem avisar, fria sem compaixão, sem sentimentos, assim está o estado psicológico da família.

O verdadeiro sentimento de habitar na obra *A poética do espaço* de Bachelard (1989, p. 2) em que, “Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?” a casa das personagens e seus valores sentimentais, ela não tem oniricidade é rústica e sem conforto, lugar onde as personagens vivem suas angústias. A busca sempre termina em casa deitados em jiraus de madeira duro. Tudo no casebre é improvisado, não tinham mobílias, apenas algumas panelas velhas e trapos que serviam de lençóis.

A falta da mobília e dos utensílios domésticos, a forma com que o narrador os caracteriza, a falta da luminosidade, a insalubridade, o frio e as sombras nos fazem pensar que esta é uma obra cuja temática central é a angústia humana, também a busca que não se concretiza. Enfim, os sonhos de uma vida digna não se esvaíram pelo ar, a escola para as crianças, o emprego e a mesa farta de alimentos. Restando a eles a miséria e a pobreza que está refletida em toda espacialidade vivida pelas personagens.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e editora, 2007.

COELHO, Braz José. **Um Homem e sua família**. Catalão: Kelps, 1997.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa 1978.

PAULA, Jason Hugo de. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Inventando o progresso: A construção de imagens e a modernização em Catalão (1959 – 1970)**. 2005.182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO. 2005. Disponível em: [http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original/PAULA Jason Hugo de. 2005. pdf](http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original/PAULA%20Jason%20Hugo%20de.%202005.pdf) . Acesso em: 30 de novembro de 2013, 21h34min